

Da fartura à escassez: memórias dos canoieiros sobre mudanças nas capturas e no ecossistema costeiro de Ubatuba

Maria de los Angeles Gasalla &
Marta Collier Ferreira Leite⁹³

As memórias dos canoieiros de Ubatuba contêm elementos que ajudam a recontar, também, o passado do ecossistema costeiro e seus recursos pesqueiros. A riqueza dos depoimentos nos remete aos eventos e anedotas do passado da pesca, mas vai além: pode contribuir, de forma significativa, para o estudo das situações e estados antigos do ecossistema marinho. Este tema vem sendo desenvolvido, durante a última década, no ambiente universitário brasileiro, em um contexto diferente⁹⁴. Porém, sem o registro vivo das memórias recontadas pela história oral, os progressos nesta área não seriam possíveis⁹⁵. Após uma década colecionando registros e depoimentos de pescadores comerciais sobre o ecossistema marinho, foi um enorme prazer vivenciar, agora, a tentativa de acessar depoimentos dos tradicionais canoieiros de Ubatuba. Se outrora pela mão de nosso saudoso mestre, Clarimundo de Jesus, nos idos anos 1980, ou pela dos amigos Elvino Damásio e Roberto Seckendorff, no final dos 1990, foi agora, a partir do convite dos colegas deste projeto, que pudemos registrar diversas novas e velhas memórias. Histórias de capturas passadas e eventos pesqueiros inesquecíveis.

⁹³ Laboratório de Ecossistemas Pesqueiros (LabPesq), Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo (e-mail: mgasalla@usp.br)

Mudanças na pesca com canoas em Ubatuba

De um modo geral, os canoieiros que habitam na região entre a Picinguaba e a Fortaleza nos relataram eventos passados de maior abundância dos recursos pesqueiros na costa, comparando com os dias atuais, tidos como de notada “escassez”. A grande maioria dos entrevistados (80%) citou que diversos recursos eram abundantes, e que são, agora, mais ou muito raros. Dentre eles, os principais recursos citados foram: o “roncador”, os “carapaus”, as “cavalas”, diversos cações, “sororocas” e as tainhas e garoupas (ver Quadro 2, na página xxx, com nomes populares e científicos das espécies citadas pelos entrevistados). Essas citações coincidem, de modo geral, com os depoimentos de pescadores “embarcados”, registrados anteriormente⁹⁶, o que vem a consolidar os registros de diminuição dessas populações de peixes.

⁹⁴ Maria de Los Angeles Gasalla. Impactos da pesca industrial no ecossistema da plataforma continental interna do Sudeste de Brasil: a abordagem ecossistêmica e a integração do conhecimento. Tese (Doutorado). São Paulo: Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo, 2004.

⁹⁵ Maria de Los Angeles Gasalla. “Ethnoecological models of marine ecosystems: ‘fishing for fishermen’ to address local knowledge in Southeastern Brazil industrial fisheries”. In: Fisheries Centre Research Reports. Vancouver: University of British Columbia, 2003; Impactos da pesca industrial no ecossistema da plataforma continental interna do Sudeste de Brasil: a abordagem ecossistêmica e a integração do conhecimento. Tese (Doutorado). São Paulo: Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo, 2004..

⁹⁶ Maria de Los Angeles Gasalla. Impactos da pesca industrial no

Quadro 2Lista dos recursos pesqueiros citados durante as entrevistas com suas possíveis correspondências científicas⁹⁷

Recursos citados	Outros nomes populares	Nomes científicos
Bagre-urutu	Bagre-branco Bagre-guri Bagre-mandi	<i>Genidens genidens</i>
Baiacu	Baiacu-arara Baiacu-guara	<i>Lagocephalus laevigatus</i>
Betara	Betara-preta Betara-lisa Embetara	<i>Menticirrhus spp</i>
Bicho-canjica	Não identificado	?
Cação cabeça-chata	Cação flamengo	<i>Carcharhinus leucas</i>
Cação-viola	Raia-viola	<i>Rhinobatus horkelli</i>
Caçoa	Cação-mangona	<i>Carcharias taurus</i>
Camarão-branco	Camarão-legítimo	<i>Litopenaeus schimitti</i>
Camarão sete-barbas		<i>Xiphopenaeus kroyeri</i>
Cambeva-amarelo	Cação-martelo Chapéu-pequeno	<i>Sphyrna spp</i>
Caranguejo-santola		<i>Mithrax hispidus</i>
Corvina	Cascote	<i>Micropogonias furnieri</i>
Cavala	Cavala-branca Cavala-verdadeira	<i>Scomberomorus cavalla</i>
Garoupa		<i>Ephinephelus spp</i>
Guaiá-da-costeira		<i>Menippe nodifrons</i>
Ouriços-pindá		<i>Echinometra lucunter</i>
Pampo		<i>Trachinotus spp</i>
Pescada-cambuçu	Pescada-cambuçu Pescada-cururuca	<i>Cynoscion virescens</i>

ecossistema da plataforma continental interna do Sudeste de Brasil: a abordagem ecossistêmica e a integração do conhecimento. Tese (Doutorado). São Paulo: Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo, 2004..

⁹⁷ Fonte: Froese & Pauly. www.fishbase.org; Instituto Brasileiro do Meio Ambiente. Estatística da pesca 2004 - Grandes regiões e

unidades da federação. Disponível em: www.ibama.gov.br; Maria de Los Angeles Gasalla. Impactos da pesca industrial no ecossistema da plataforma continental interna do Sudeste de Brasil: a abordagem ecossistêmica e a integração do conhecimento. Tese (Doutorado). São Paulo: Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo, 2004.

Porco	Porquinho Cangulo Peroá	<i>Balistes capriscus</i>
Robalo		<i>Centropomus spp</i>
Roncador		<i>Conodon nobilis</i>
Sardinha-bandeira		<i>Opisthonema oglinum</i>
Sardinha-de-laje		<i>Harengula clupeiola</i>
Sardinha-verdadeira		<i>Sardinella brasiliensis</i>
Siri		<i>Callinectes spp</i>
Sororoca		<i>Scomberomorus brasiliensis</i>
Tainha		<i>Mugil platanus</i>
Tubarão-barriga-d'água	não identificado	<i>Carcharhius plumbeus ???</i>
Võngole	Berbigão	<i>Anomalocardia brasiliiana</i>

Quanto aos cações, 88% dos canoieiros citaram que já os capturaram usando suas canoas, e 99% dos mesmos afirmaram que esses peixes diminuíram drasticamente nas capturas pesqueiras. De fato, 80% dos entrevistados consideraram que a maioria das populações de cações estão atualmente superexploradas ou esgotadas.

Da mesma forma, quando indagados sobre a situação de alguns recursos pesqueiros, mais de 80% dos canoieiros citaram que, também, a “pescada-cambucu”, o “robalo”, a “tainha”, a “ubarana” e a “enchova” estariam entre “esgotados” e “superexplorados”.

As memórias recontam também sobre “pesqueiros” outrora ricos em peixes e que não são mais, na atualidade, áreas de pesca tão abundantes. Dentre os locais citados, os mais populares, relatados pelos canoieiros como pesqueiros que “não dão mais tanto

peixe” foram: a Ilha do Mar Virado, a Ilha da Rapada, o Parcel do Meio e a Ilha dos Porcos.

E quais seriam as razões para este quadro de escassez atual? O que teria gerado esta diminuição nos recursos pesqueiros? Diversas explicações foram dadas pelos canoieiros, muitas ligadas à pesca de maior escala, como é o caso dos barcos de parelha, espinhel, extensas redes de emalhe e numerosos barcos industrializados que, praticamente, “roubam” o peixe dos pequenos pescadores, reduzindo os estoques. Muitos desses barcos, vindos do sul do país. Mas o turismo também foi citado ao se considerar que lanchas e barcos motorizados “espantam”, principalmente, os recursos de grande porte, como é o caso dos cações. O mergulho, para caça submarina, também não parece poupar os recursos marinhos, segundo os canoieiros.

Foi possível verificar também que existe uma conscientização dos canoieiros com relação aos excessos da pesca e às consequências da falta de controle das frotas pesqueiras. Foram citadas, como explicações para a diminuição dos recursos, a prática de retirada de barbatanas de tubarão (“galhas”), por japoneses e barcos vindos do Sul, para sua exportação, e a pesca durante os períodos de desova, incidindo sobre as fêmeas de peixe “ovadas”. Para os canoieiros, essas práticas “não respeitam o peixe” e diminuem a sua fartura.

Sem dúvida, estes depoimentos nos levam a um passado bastante diferente em termos de abundância de recursos pesqueiros, e podemos supor que o ecossistema marinho costeiro sofreu grandes transformações ao longo das décadas em que estas canoas foram construídas.

Muitos relatos são anedotais e originais e merecem seu registro especial; muitos outros, e não menos importantes, são histórias de aventuras e curiosidades que contêm citações consideráveis nas entrelinhas. Esperamos, assim, que o registro dos depoimentos e “histórias de pescador” a seguir possa ser útil, também, para se reconstruir a memória de um passado marítimo mais abundante.

Seu Julio e as garoupas

Seu Julio, antigo pescador da Praia do Félix, lembra saudoso da época em que voltava do mar com grandes garoupas, que sempre foram as suas prediletas.

Certa vez, Julio madrugou, desceu o morro em direção à praia e remou, em sua canoa, para a costeira, como sempre fazia. Foi em uma manhã de 1990, quando ele pegou, “na linha”, uma garoupa de 32 kg! Para tirá-la da água, a batalha não foi fácil: “é preciso cansar o peixe, dar linha, e puxar na hora certa”. Ele conta que



Paulo Zumbi

Seu Luis: hoje em dia já não pesca mais tantas tainhas como no passado

foi preciso muita paciência e habilidade para, depois de horas, a garoupa vir à tona, imensa! Na mão de Seu Julio ficaram as marcas de seu feito. Cicatrizes não faltam, motivos de orgulho de um canoieiro.

Hoje em dia, com quase 70 anos, ele continua pescando. Amanhece muitos dias em sua canoa “Água Viva” e sai em direção à Ponta da Jamanta, à Praia das Conchas, à Ilha do Prumirim ou à Laje Grande. No entanto, o tamanho das garoupas, segundo ele, mudou muito. Por exemplo, há uns cinco anos que ele não traz para casa uma de 10 kg. No máximo, uma de quatro, se estiver com sorte. Muitos dias, nem sequer encontra garoupas. Mas este velho pescador não desiste. Está sempre no mar, com seu largo e cativante sorriso no rosto.

Tainhas de sobra

Nascido em 1929 e nativo de Ubatuba, Seu Luis, morador da Praia do Lázaro, é pescador desde menino.

Há 50 anos ele pescava tainhas na Ilha Anchieta, e “era tanto peixe que vinha na rede de praia que o pescador que estava puxando-a de um lado não via o companheiro que estava do lado oposto”. Parte das tainhas os pescadores doavam para o presídio da ilha, que hoje está em ruínas e faz parte das atrações turísticas da região. Porém, a maioria era dividida entre os pescadores e suas famílias; não faltava peixe para ninguém!

Segundo Seu Luis, as tainhas “se criam” no Rio Grande do Sul e “vêm para Ubatuba, com vento de sudoeste, nos meses de maio, junho e julho”.

Atualmente, a rede de praia está proibida na região. Porém, quando não são capturadas pelos grandes barcos do sul, algumas tainhas ainda podem ser pescadas de canoa, com rede de malha.

As nove corvinas de Seu Neves

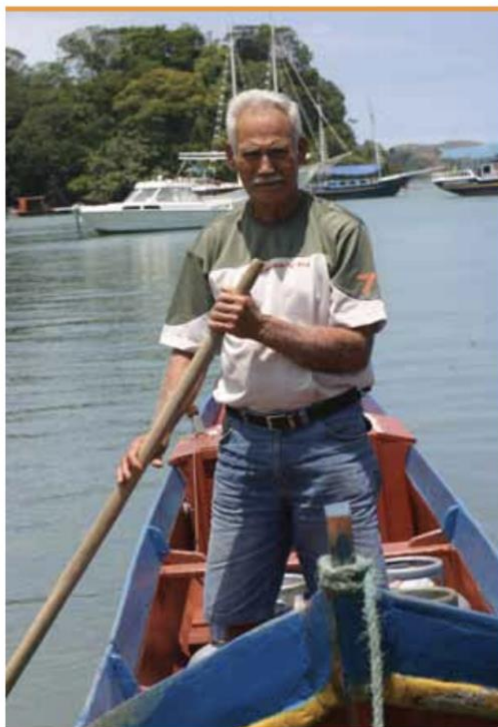
Neves é como o simpático e receptivo Antônio Zacarias de Moura é chamado por seus amigos e familiares. Este canoeiro já demonstrava seu talento para a pesca aos nove anos, idade em que saiu sozinho para o mar pela primeira vez. Ninguém acreditou quando o menino Antônio voltou com nove corvinas grandes para casa.

Mais tarde, em 1947, aos 15 anos, Neves costumava trazer muitas “caças” lá do parcel do Mar Virado. Chegou a pescar, nesse parcel, um “cação cabeça-chata” de 2 m e mais de 120 kg! Naquela época, ele pescava até lotar a canoa e “matava o tanto de peixe que a canoa conseguia carregar”.

Depois apareceram muitos barcos para “caçar” cações na região. Esses “só aproveitavam as barbatanas

e jogavam o resto do animal na água, muitas vezes ainda vivo”. O resultado, lamenta Seu Neves, é que os outros cações “ficavam assustados e fugiam de Ubatuba, para nunca mais voltar”.

Seu Neves, hoje com 76 anos, continua pescando de canoa nos horários de folga de seu trabalho como caseiro na Praia do Flamengo.



Seu Neves: talento para a pesca desde a infância

“Sumidos” de Ubatuba

Antônio Alves Barreto, o Nhaca-Nhaca da Praia da Fortaleza, conta que guaiá-da-costeira é um tipo de caranguejo que “tinha muito em Ubatuba, até uns 12 anos atrás”. Quando os hotéis e restaurantes começaram a aparecer, e junto com eles muitos turistas, aumentou demais a quantidade de esgoto no mar e os guaiás foram sumindo.

Infelizmente, segundo Seu Antônio, não foram somente os guaiás que desapareceram; os ouriços-pindá, o caranguejo-santola, a lagosta, o bicho-canjica e muitos tipos de siri também já não são mais encontrados. Entre os peixes, a sardinha, o roncador, a ca-

vala, o bagre-urutu, a pescada-cambucu, o cambeva-amarelo, também chamado de “chapéu-pequeno”, tornaram-se peixes raros na região.

Antônio comenta que hoje existem outros peixes valorizados. Por exemplo, quem diria, há dez anos atrás, que o baiacu iria virar peixe “fino”, considerado de boa qualidade? “Antes as pessoas não o comiam, tinham medo de féu, que é venenoso e perigoso para o homem”, conta ele. “Atualmente, já se sabe tirar o féu e limpá-lo.” Sua carne é branca e gostosa e até mesmo alguns dos pescadores mais antigos apreciam ter, no prato, um bom filé de baiacu.

Nhaca-Nhaca: muitos peixes desapareceram da costa de Ubatuba



Depoimentos de outros canoeiros

Antigamente, na década de 40, todos os pescadores de Ubatuba juntos matavam o que um só barco pega hoje. Não existiam barcos nem redes tão grandes. Os barcos de agora são capazes de matar 40 toneladas de peixe em um só lance. (Seu Pu)

Antigamente, barco grande não tinha. Só tinha barco pequeno. Nem a traineira nem a parelha eram tão grandes. Não tinha muita rede. Era muito difícil um caçara com muita rede... Hoje qualquer caçara tem muita rede. Se um caçara tá aumentando a sua rede, o outro não quer perder. (Isaías - Justa)

O peixe-porco está com bom preço no mercado, mas antes não tinha valor. Isso acontecia porque, no meu tempo, na década de 40 e 50, os peixes eram salgados e o porco não serve para salgar, nem para fazer bacalhau. Fica seco, sem gosto. (Seu Dico - Puruba)

Há 50 anos atrás, matamos com arpão um tubarão “barriga d’água”. Ele tinha dois metros e pesava mais de 150 quilos. Foi na Barra do Rio do Puruba. Muitos tubarões entravam no Rio naquela época. (Seu Dico - Puruba)

No meu tempo de menino, entre 1960 e 1970, as sardinhas encahavam na praia. As mulheres pegavam sardinha com seus vestidos e as crianças, com baldes. Nesta mesma época, também pegava-se muita tainha por aqui. As redes de 17 canoas eram emendadas e tirávamos dez toneladas de tainha do mar por vez. (Oziel)

Na minha infância, entre 1950 e 1965, a fartura de peixes era muita. Arrastávamos o peixe na rede de praia, e vinha tanto que tínhamos que enterrar muitos deles. Tinha até desperdício... (José Ildebrando)

A sardinha é o “comedio” de muitos peixes maiores. Não tem mais sardinha em Ubatuba e por isso os peixes estão mais escassos. (Seu Oliveira)

Os mergulhadores caçam à noite com lanternas e até cilindros. Pegam o peixe de surpresa, é covardia. Por aqui falta é fiscalização. (Seu Júlio)

O cação não produz muito. Eles geram pouco, têm poucos filhos. (Seu Luis)

Em 1940 tinha muito peixe aqui, o que não tinha era para quem vender. (João Inácio)

Oziel: as sardinhas encahavam na praia de Ubatuba



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Antigamente a gente escolhia o peixe para comer. Agora estamos comendo o peixe que o urubu rejeita. Para vender [o pescado] era difícil, não tinha comprador. Hoje tem comprador e não tem peixe. Sabe o que é: no mar ninguém planta, só se colhe. (Seu Élio)

De 10 anos [1998-2008] para cá começou a ter muito sonar e ecossonda, agora não tem mais para onde o peixe correr. (Lindolfo)

Quando eu era novo [entre 1940 e 1950], a gente pegava camarão sete-barbas com um tipo de bodoque, parecido com um coador. (Seu Neves)

O pescador não pensa no dia de amanhã. (Seu Peres)

Teco: cação-viola dava de monte na rede



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Quando criança [por volta de 1970] eu pegava “vôngole” na praia durante a maré vazia. Depois, quando a maré enchia, eu usava de isca para pescar corvina e betara com vara. (Teco)

Faz dois ou três anos que proibiram o arrasto no largo do Ubatumirim, talvez seja por isso que deu muito camarão-branco ano passado [2007]. (Chacrinha)

A Itamambuca tinha muito cação. Com 10 anos [1958] eu pegava cações de cinco e seis quilos de monte. (Seu Tião)

Há uns 12 anos atrás [1996] eu pegava quase 100 quilos de corvina na rede de malha; hoje 20 quilos é o máximo que vêm. (Seu Domingos - Sete Fontes)

Há seis anos [2002] peguei 180 tainhas na rede de malha; hoje 40 tainhas é muito. (Iraci)

Há uns 10 anos, pegava 78 sororocas de uma vez; hoje pesco vinte sororocas em dia bom. (Nhaca-Nhaca)

Em 1994 peguei 40 kg de camarão-branco na rede de espera; hoje vêm no máximo uns 15 quilos. (João dos Santos)

Em 1998 arrastamos, na rede de puxar de praia, uma tonelada de robalo. Hoje é proibida essa rede e pegamos o robalo na rede de espera, mas 30 quilos é o máximo que vêm, em uma boa pescaria. (D. Carmem)

Há dez anos atrás [1998] pesquei, na linha, uma garoupa de 25 quilos, hoje as maiores têm no máximo cinco quilos. (Seu Barrosinho)

Há 12 anos [1996] larguei o espinhel à tarde no Baquari de Fora, quando fui visitá-lo na manhã seguinte, havia 80 quilos de cação-viola e 15 quilos de corvina. Hoje, se encontrar 25 quilos de cação-viola é muito. (Teco)

Há 40 anos [1968], em 6 horas de pesca, peguei 40 quilos de corvina, betara e pampo. Hoje [2008], pego 10 quilos destes peixes, no máximo. (Urandino)

Há uns 50 anos atrás [por volta de 1958], peguei, na linha, 60 quilos de corvina. Agora [2008] normalmente, pego um quilo. (Ninico)

Em 1932, na rede de malha onze com sete braças de altura, pegava-se seis mil tainhas. Hoje em dia, com a mesma rede, se pega duas mil. (Seu Élio)

Há uns 3 anos [2005] ainda pegava-se uns 40 quilos de sardinha na rede. Hoje em dia, aqui, não tem mais sardinha. (José Ildebrando)

Há vinte anos atrás [1988], no Tenório, em três visitas ao espinhel, vinha 110 quilos de corvina, pescada, betara e cação. Hoje [2008] 20 quilos é muito. (Nelson)

Como é possível constatar, os depoimentos contêm importantes referências para a avaliação do estado do ecossistema. Sugerimos, portanto, que essas

vozes sejam ouvidas nos casos de definição de esquemas e planos de manejo dos recursos naturais da região, e que estes sejam participativos, como já sugerido em outros estudos⁹⁸, em benefício de ambos o oceano e a tradição pesqueira.

Muitos canoieiros citaram, também, que como muitos peixes são pescados “lá fora”, em alto mar, termina havendo uma maior escassez em “pesqueiros” próximos à costa, justamente na área onde os recursos são acessíveis a eles. Além dos danos ao equilíbrio do ecossistema marinho, se esta tendência de constante diminuição dos recursos pesqueiros costeiros continuar, há grandes chances de que, gradualmente, seja perdida esta tradição e herança cultural deixada pelos canoieiros de Ubatuba: a peculiar pesca com canoa de um só pau.



Nelson: antigamente, a pesca com espinhel rendia muito

⁹⁸ Ver: Ruth B. M. Pincinato et al. “Contribuição à caracterização da atividade pesqueira em Ubatuba (SP), a partir de abordagem com pescadores locais” in: Resumos. III Simpósio Brasileiro de Oceanografia, 2006, São Paulo.; Maria de Los Angeles Gasalla. “Primeiros Contatos: vozes da pesca no litoral paulista”. In: Pró-reitoria de cultura e extensão da Universidade de São Paulo. São Paulo: Programa APRENDER, 2008.

